

## ETHOS: A CONSTRUÇÃO DE IMAGEM DE SI NO DISCURSO DE ANTONIO LEMOS

*Protásio César dos Santos\**  
*Maria do Carmo Prazeres Silva\*\**  
*Jovelina Maria dos Reis\*\*\**

### RESUMO

Análise das estratégias discursivas presentes no discurso proferido por Antônio José de Lemos, Intendente de Belém do Pará, na primeira década do século XX. O texto leva em conta o propósito do enunciador, o de alcançar uma boa autoimagem de si (*ethos*). Os procedimentos metodológicos tiveram por base a pesquisa documental e bibliográfica. Os pressupostos teóricos do presente estudo fundamentaram-se em autores da Análise do Discurso de linha francesa e no uso do método da leitura analítica. Constituíram material empírico os relatórios da Intendência Municipal dos quais foram extraídos trechos dos discursos de Antonio Lemos para detecção do movimento do enunciador no sentido de produzir sua idealizada autoimagem.

**Palavras-chave:** Imagem. Discurso. Ethos. Belém. Antonio Lemos.

### ETHOS: THE CONSTRUCTION OF THE SELF IMAGE IN ANTÔNIO LEMOS' S SPEECH

### ABSTRACT

Analysis of the discursive strategies presented in the speech by Antônio José de Lemos, the mayor of Belém do Pará, in the first decade of the 20th century. The text takes into account the enunciator's purpose of achieving a good self-image (*ethos*). The methodological procedures were based on documentary and bibliographic research. The theoretical assumptions of this study were based on the authors of the French Discourse Analysis and on the use of the analytical reading method. The reports of the Municipal Intendance constituted empirical material, which were extracted from the speeches of Antonio Lemos to detect the enunciator's movement with the goal to produce his idealized self image.

**Keywords:** Image. Speech. Antonio Lemos..

### ETHOS: LA CONSTRUCCIÓN DE LA IMAGEN DE SÍ EN EL DISCURSO DE ANTÔNIO LEMOS

### RESUMEN

Análisis de las estrategias discursivas presentes en el discurso de Antônio José de Lemos, Intendente de Belém del Pará, en la primera década del siglo XX. El texto tiene como objetivo el propósito del enunciador de lograr una buena imagen de sí mismo (*ethos*). Los procedimientos metodológicos se basaron en la investigación documental y bibliográfica. Los supuestos teóricos de este estudio se basaron en los autores del Análisis del discurso francés y en el uso del método de lectura analítica. Los informes de la Intendencia Municipal constituyeron material empírico, del que se extrajeron fragmentos de los discursos de Antonio Lemos para detectar el movimiento del enunciador con el objetivo de producir su autoimagen idealizada

**Palabras-clave:** Imagen. Discurso. Antônio Lemos.

\*Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9928-6162>

E-mail: [protasio.cezar@ufma.br](mailto:protasio.cezar@ufma.br)

\*\*Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1333-6019>

E-mail: [mcp.silva@ufma.br](mailto:mcp.silva@ufma.br)

\*\*\*Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2887-6253>

E-mail: [reis.jovelina@ufma.br](mailto:reis.jovelina@ufma.br)

## 1 INTRODUÇÃO

A construção da imagem do enunciador (*ethos*) manifesta-se por meio de estratégias discursivas apoiadas numa cadeia de argumentos relevantes para o processo de persuasão. Conceitualmente, o *ethos* equipara-se ao que, também, é designado por imagem, identidade ou tipos de eu. Uma vez que as identidades sociais são construídas em processos comunicativos e de interação, implicando na participação de distintos sujeitos sociais (PINTO, 2004), as disputas distintivas pela prevalência de classificar as coisas do mundo ganham contornos singulares e apontam para práticas que visam o poder de fazer ver e fazer crer. (BOURDIEU, 2007). O conhecimento das estratégias discursivas adotadas pode nos dizer dos modos de apresentação do ‘Eu’, ao ‘Outro’, nas disputas pela distinção social.

Amossy (2005) assevera que usar da palavra, ou proferir um discurso pressupõe ou constrói a imagem daquele (s) que estiveram envolvidos no processo interativo. Fiorindo (2012, p. 1) afirma que “a construção dessa imagem é uma amostra só revelada através de processos inferenciais resgatados pela enunciação e pela contestação”. Desse modo, na projeção do autorretrato são moldadas estratégias discursivas fundadas em regras anônimas situadas no tempo e no espaço e que definem as condições de enunciação. Essa arquitetura discursiva situa o *ethos* no lugar social do (re)conhecimento e validação identitária. Reconhece-se, entretanto, que para além da perspectiva aqui adotada, de analisar o *ethos* pela perspectiva dos autores da corrente francesa, há, numa perspectiva da linguística do texto e do discurso, outra corrente, que defende que o *ethos* pode ser analisado a partir da sua própria materialidade linguística, partido que não será tomado neste trabalho.

Do ponto de vista desta abordagem, considera-se o conceito de *ethos* como técnica argumentativa, em conformidade ao pensamento de Pinto (2004, p.18), enquanto condição imanente ao processo de persuasão. Para o autor, o orador apresenta imagem correspondente aos objetivos estratégicos da enunciação, visando à formação de um público, bem como às condições intersubjetivas, para ser reconhecido como autoridade discursiva legítima.

Por outro lado, por se tratar de relação intersubjetiva, o *ethos* é tecido nos sentidos da imagem que o locutor quer que o outro faça de si, portanto no (re) conhecimento do outro, já que esta imagem não é dada a priori e pode, ou não, ser aceita pelo interlocutor. Essa disputa de sentido entre um ‘Eu’ (emissor) e um ‘Tu’ (receptor) da imagem coloca a construção da imagem de si no plano das estratégias de comunicação.

Pretende-se, portanto, examinar como esses argumentos podem ser acionados pelo locutor, em relação ao seu interlocutor, de modo a seduzi-lo, considerando que o *ethos* circunscreve um projeto de influência do Eu sobre o Outro. Os fundamentos teóricos e metodológicos aqui propostos estão voltados para a análise do discurso do Intendente Antonio José de Lemos, maranhense que ascendeu à cena política da cidade de Belém, estado do Pará, entre os anos de 1897 a 1910. Com uma rede de relacionamento influente, Lemos atuou na mídia impressa local e, notadamente, desenvolveu estratégias discursivas manifestadas nos textos que produziu nas disputas distintivas em que esteve situado, através dos quais construiu o *ethos*.

O foco analítico recai sobre os “Relatórios da Intendência Municipal” pelo modo como Lemos presta conta da sua administração ao Conselho Municipal, ensejando reunir capital simbólico para ser considerado como aquele “que veio predestinado a fazer de Belém a cidade mais imponente da Amazônia, como também tornar-se figura política mais importante da fase republicana paraense”. (SARGES, 2002a, p. 36).

1No *corpus* selecionado para esta análise considerou-se o viés estratégico que permeia o discurso no jogo distintivo entre emissor e destinatário na construção da imagem de si, do autorretrato. De acordo com Amossy (2005, p. 9),

[...] deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma representação desse que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências [...] a apresentação de si não se limita a uma técnica apresentada, um artifício: ela se efetua, frequentemente, a revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais.

Para os antigos gregos, a apresentação do autorretrato a partir da enunciação significava "a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório." (AMOSSY, 2005, p. 9). Daí a referência de *ethos* a esse autorretrato discursivo. Na trilogia aristotélica, o *ethos* (ética) faz parte, com o *logos* (lógica) e o *pathos* (emoção) do conjunto de provas geradas no discurso com pretensão à persuasão. A noção de *ethos* surge na Grécia, com Aristóteles e, mais tarde, em Roma, com Cícero e Quintiliano, com diferentes perspectivas.

Para os gregos a imagem que o orador cria e mostra no momento da enunciação, a fim de convencer o auditório não corresponde, necessariamente, a identidade dele. Enquanto para os romanos, o *ethos* estava ligado aos atributos reais do orador, à sua moral e não incidia na imagem discursiva criada pelo orador (FIORINDO, 2012, p. 1).

Embora, na Roma antiga, tivessem peso as ideias de Cícero e Quintiliano de que a palavra teria menor relevância em relação à reputação do orador prevalece, nos estudos do *ethos*, o pensamento grego para estruturar as bases teóricas dessa noção. É preponderante o conceito de *ethos* como "[...] imagem do sujeito construída no discurso", afirma Juliana Chalub (2013, p. 162), em concordância com Fiorindo (2012), para quem não necessariamente essa imagem criada pelo enunciador venha a ser ou represente seu real caráter.

Maingueneau (2008, p. 13), ao comentar a retórica de Aristóteles, afirma que o filósofo,

Escrevendo sua retórica, pretende apresentar numa *techné* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para tal ou qual indivíduo, mas para tal ou qual tipo de indivíduo. A prova pelo *Ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso e dar uma imagem desse capaz de convencer o auditório ganhando sua confiança.

Além da Retórica, a Pragmática e a Análise do Discurso desenvolvem concepções distintas sobre *ethos* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004 p. 220). Em Pragmática, a noção de *ethos* herdada de Aristóteles é seguida por Ducrot (1982), mas avança para o âmbito de uma teoria polifônica que, por sua vez, foi reformulada por outros estudiosos da Linguística e da Análise do Discurso. Em Análise do Discurso, o *ethos* retórico de Aristóteles foi retomado por Maingueneau (2008), e apresenta posição diferenciada do filósofo grego.

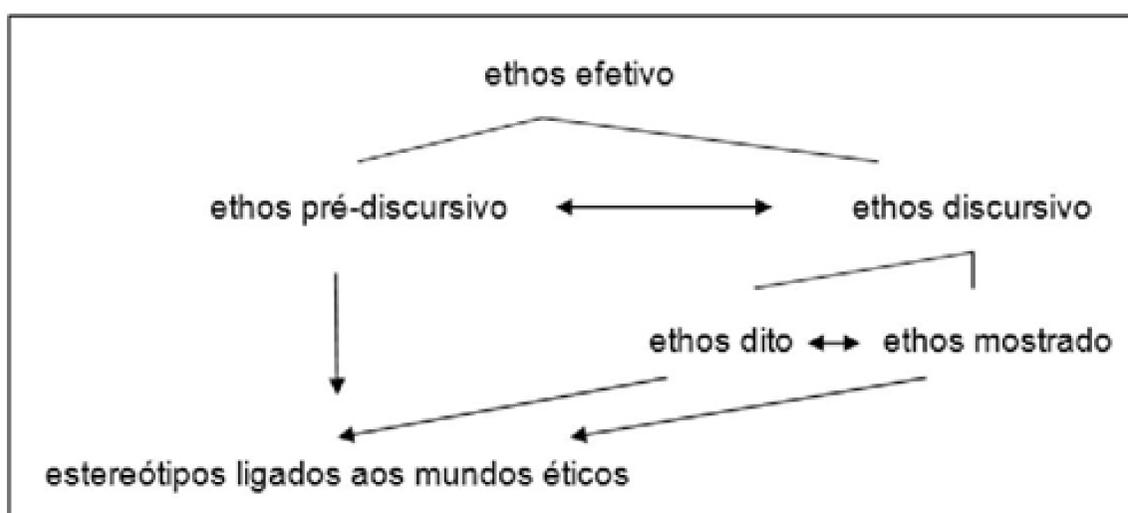
Por meio das preferências linguísticas do orador são percebidas as pistas acerca da construção de sua imagem, na ação continuada discursiva. Ao fazer escolhas linguísticas, o orador estabelece uma relação com o seu interlocutor (*pathos*), relação essa reveladora da sua autoimagem (*ethos*). O estudo do *ethos* parece-nos evidenciar que todo discurso constrói uma realidade da qual emerge uma imagem e ou uma ideologia individual ou coletiva.

Na perspectiva da Análise do Discurso, o orador conduz seu discurso para o propósito de reconhecimento legítimo do seu dizer, a partir de uma posição institucional ou estrategicamente construída. Ressalte-se, entretanto, que a credibilidade discursiva não está assentada exclusivamente no que diz o orador, mas também nos modos de dizer e mostrar a um suposto auditório, como afirmam Antunes e Pauliukonis (2018, p. 290): "[...] em outras palavras por uma relação entre o *logos*, o *ethos* e o *pathos*".

De acordo com Maingueneau (2008, p. 19),

O *ethos* liga-se ao orador pelas escolhas linguísticas feitas por ele, escolhas que revelam pistas acerca da imagem do próprio orador, durante o processo discursivo. Assim, é interessante observarmos o esquema sobre a constituição do *ethos*.

Figura 1 -Esquema sobre a constituição do Ethos



Fonte: Maingueneau (2008).

O *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo (*ethos mostrado*) constituem o *ethos* efetivo, relação que Fiorindo (2012, p. 4) comenta nos seguintes termos: "O *ethos* pré-discursivo se refere à imagem que o coenunciador [alocutório] constrói do enunciador antes mesmo que este pronuncie algo.". O *ethos* dito e o *ethos* mostrado estão contidos no *ethos* discursivo, isto porque o *ethos* dito corresponde às referências explícitas e não explícitas articuladas pelo enunciador na construção das pistas que darão sentido ao *ethos* mostrado. No esquema de Maingueneau (2008, p. 19),

A distinção entre *ethos* dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o "dito" sugerido e o puramente "mostrado" pela enunciação. O *ethos* efetivo, construído por tal ou qual destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias.

Por outro lado, os estereótipos são entendidos como um depósito de grande quantidade de representações coletivas que espelham, não no todo, a apresentação de si.

## 2 ANÁLISE DO DISCURSO

Conforme Pinto (1999), o entendimento sobre discurso varia muito entre os diferentes teóricos que se interessam pelo estudo da análise do discurso. Nos estudos linguísticos, de acordo com Maingueneau (1989), o termo foi introduzido por jornalistas russos quando buscavam no texto "uma lógica de encadeamento transfrástico" que significa dizer, como esclarecem Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 170), que "eles [os jornalistas] buscavam no texto, para além das frases, as estruturas de uma outra ordem sobre a dimensão do enunciado, considerando as regras que recaem sobre o plano do texto.

A palavra texto (do latim *textum*), traz o significado de tecer e, por analogia, o entrelaçar de palavras e de termos que, por combinação ou exclusão, vinculam uma ideia, uma mensagem, uma ideologia. Em Análise do Discurso, a delimitação conceitual da palavra texto é determinante, tendo em vista a dimensão empírica inerente a essas análises. Nessa perspectiva, busca-se aporte em Pinto (2002, p.7) para, a partir de corpora de produtos culturais, situá-la “[...] como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral, ou escrita, e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente”. Reitera-se, portanto, que a superfície dos textos deixa à mostra as marcas do processo social de construção do *ethos*.

O avanço nos estudos da linguagem, em boa medida, fez reunir algumas ideias-força, além da organização transfrástica em torno do conceito de discurso, como afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 172): “o discurso é orientado; o discurso é uma forma de ação; o discurso é interativo; o discurso é contextualizado; o discurso é assumido; o discurso é regido de normas.”

A Análise do Discurso adotada neste estudo está filiada à corrente francesa (AD), cujos nomes mais proeminentes são Michel Foucault, Michel Pêcheux e Louis Althusser, referências recorrentes nos estudos contemporâneos. A Análise do Discurso (AD) especifica a noção de sujeito e de interdiscursividade acrescentando a ambos as noções de história e de ideologia. O objeto de Análise do Discurso é o discursivo, entendido segundo Pêcheux (2001) como efeito de sentido entre locutores.

A noção de formação discursiva proposta por Foucault e a formação ideológica fundamentada por Althusser são conceitos centrais para a Análise do Discurso, como caracteriza Brandão:

As duas grandes vertentes que vão influenciar a corrente francesa de AD, são do lado da ideologia o conceito de Althusser, do lado do discurso as ideias de Foucault [...] de Althusser a influência mais direta se faz a partir de seu trabalho sobre os aparelhos ideológicos do Estado em conceituação do termo ‘formação ideológica.’ E sua Arqueologia do Saber em Pêcheux extrairia a expressão ‘formação discursiva’ da qual a AD. se apropriará, submetendo-a a um trabalho específico (BRANDÃO, 2004, p. 18).

De acordo com Orlandi (1998) é na Formação Discursiva que se constitui o domínio do Saber. As Formações Discursivas são influenciadas fortemente pelas formações ideológicas. Para a autora, em todo e qualquer discurso, a ideologia está inserida mesmo que seja um discurso científico, político, econômico, feminista ou ambiental. A formação ideológica, portanto, governa os discursos. Mais do que um texto, o discurso é, por conseguinte, uma prática da integração social entre os indivíduos. Levando em conta a diversidade interpretativa que envolve a ideia de discurso, Pinto (1999) considera que:

Definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são parte integrante do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Têm assim papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade [...] (PINTO, 1999, p. 24)

Mas a reprodução, manutenção e/ou transformação social está relacionada à dimensão estratégica emanada das práticas sociais, prospectando a persuasão e a legitimação e, conseqüentemente, inserindo os discursos na arena da distinção social. Tem-se aí uma luta simbólica, que não reside nos sistemas simbólicos, mas nas relações entre os que exercem o *poder de fazer ver e fazer crer*. Dessa capacidade dos discursos surge a forma de poder a qual Bourdieu (2007) designa de poder simbólico. Em sua concepção, esse poder simbólico é o que faz a si mesmo:

[...] como poder de constituir o dado pela iniciação, de fazer ver o fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, ação sobre o mundo, Portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente aquilo que obtendo pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder simbólico não reside nos 'sistemas simbólicos' em forma de illocutivinary force, mas que se define numa relação determinada barra e por meio desta barra entre os que exercem o poder e os que estão sujeitos, quer dizer isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. (BOURDIEU, 2007, p. 14)

O poder simbólico, para Bourdieu, é a forma transformada legitimada de outras formas de poder como o poder político, o econômico e o intelectual.

### 3 PERFIL E TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ANTÔNIO JOSÉ DE LEMOS

Antonio José de Lemos nasceu em São Luís, Maranhão, em 17 de dezembro de 1843 e faleceu em 3 de outubro de 1913. Foi aluno do mestre Francisco Sotero dos Reis no Liceu Maranhense, tradicional instituição de ensino médio, fundada em 24 de julho de 1838. Como jornalista, crítico, historiador, orador e escritor, Lemos reuniu capital político para exercer a função de deputado provincial, no Pará, em duas legislaturas.

Aos 17 anos, alistou-se na Marinha de Guerra do Brasil, como escrevente da Armada. Foi para o Rio de Janeiro, onde aprendeu o ofício de praticante, na Contadoria da Marinha. De acordo com Rocque (2001, p. 88), “[...] através de concurso obteve nomeação para o cargo de escrivão extranumerário da armada”. Participou do bloqueio da cidade de Montevideu e da campanha contra o Paraguai. Nestas duas empreitadas, a bordo da corveta “Paraense”.

Antonio José de Lemos, então com 24 anos de idade, chega a Belém acompanhando seu chefe comandante, o Almirante Joaquim Raimundo de Lamare, enviado para comandar o 3º Distrito Naval. “Lemos desembarca, pela primeira vez, na cidade que 30 anos depois começaria a administrar.” (ROCQUE, 2001, p. 88). Graças à relação de amizade com Joaquim José de Assis, deputado providencial e dirigente do Jornal “O Pelicano” e, posteriormente, do “O Liberal do Pará”, Antônio Lemos não demorou a galgar posição de destaque, sobretudo no setor político. Foi colaborador dos dois periódicos e, em suas matérias, fazia campanhas contra o Cônego Siqueira Campos, político do Partido Conservador. Joaquim José de Assis fundou “A Província do Pará”, em 25 de março de 1876, que viria a ser, anos depois, o maior jornal do Norte/Nordeste e a base do crescimento político de Antônio José de Lemos.

Vereador, eleito em 1889, esteve na direção da Comarca Municipal e deu posse à Junta que governava o Pará, no início do novo Regime Republicano. A Junta era formada por Justo Chermont e José Maria do Nascimento, da Marinha, e pelo tenente-coronel José Fernandes Júnior, do Exército. Com a proclamação da República, Antônio Lemos, juntamente com José Paes de Carvalho, Pedro Chermont e Justo Chermont articularam-se para a organização do “Partido Liberal”, do qual veio a ser presidente.

Sarges (2002a, p.36) considera Antônio José de Lemos o maranhense “que veio predestinado a fazer de Belém a cidade mais imponente da Amazônia, como também tornar-se figura política mais importante da fase republicana paraense”. Assim, descreve a escalada política de Antonio José de Lemos no Pará:

A Força Política de Lemos cada vez mais vai se afirmando. Foi eleito duas vezes Senador do Estado, sendo numa delas como membro do Congresso Constituinte do Pará. Também elegeu-se por cinco vezes intendente do município de Belém, sendo escolhido pela primeira vez para este cargo em 22 de junho de 1897, ao derrotar o candidato do Partido Operário, João o Pontes de Carvalho, além de acumular o cargo de Coronel comandante superior da Guarda Nacional (SARGES, 2002a, p. 49).

Como Intendente de Belém e proprietário do Jornal “A Província do Pará”, Antonio José de Lemos empenhava-se na busca de encaminhamentos e solução das reivindicações de interesse dos chefes políticos das cidades do interior. Em seu jornal, dava destaque aos chefes e seus trabalhos, patenteando, assim, uma total relação de dependência e lealdade dos intendentes do interior. Crescia o nome e a influência de Antonio José de Lemos em todo o Pará, de tal maneira que a data de seu aniversário, o dia 17 de dezembro, tornou-se data festiva com característica de feriado popular. Afinal, como destaca Sarges, o próprio Lemos via naquele gesto que [...] procuravam patentear a sua gratidão a este cidadão (LEMOS, 1908, apud SARGES, 2002a, p. 55).

### 3.1 O discurso do intendente: estratégias na construção da autoimagem

O *corpus* da presente análise restringiu-se aos “Relatórios da Intendência Municipal” onde se encontram registrados os discursos proferidos por Antônio Lemos, marcados por estratégias enunciativas que visavam ao alcance do *ethos* (autoimagem). A análise busca as marcas do processo de construção do *ethos* visado (MAINGUENEAU, 2004). Considera-se, portanto, a exemplo de Pinto (1999, p. 22), a “textura” dos Relatórios da Intendência Municipal como produtos culturais empíricos que preservam as pistas do uso da linguagem verbal escrita, considerando o contexto histórico-social em que foi produzido.

Tendo em vista que o Relatório está reunido em sete volumes, o objeto da presente análise está delimitado aos trechos do discurso que remetem às obras executadas na Belle-Époque belenense, responsável, no dizer de Aquino (apud ANDRADE, 2003, p. 74), por certo “sentimento gozoso”, assim definidos os fragmentos contendo detalhes minuciosos, com que o Intendente Antonio Lemos descrevia e prestava contas ao Conselho Municipal.

Para a prática analítica aqui proposta, firmou-se convicção de que o discurso é uma prática social e, como tal, envolve sujeitos comunicantes, empenhados na prevalência do seu lugar de fala. Com base nessa lógica, Pinto afirma que

Todo o discurso, por sua natureza, constitui e é constituído por sujeitos. Todo o discurso também se dirige ao 'outro', daí todo o discurso estabelecer uma relação de sujeição entre o sujeito enunciativo e o outro, aquele a quem procura sujeitar — discurso só existe através da sujeição (PINTO, 1999, p. 100)

O discurso, também, é tecido polifonicamente. São vozes atravessadas e contraditórias, por vezes à revelia dos locutores. A ideia de polifonia faz emergir a relação indissociável do ‘Eu’ com o ‘Outro’ e reforça o sentido de discurso como prática social constituída por um conjunto de textos. A esse propósito, Castro (2010) esclarece que:

Um texto é cheio de vozes — imenso excuro — tessitura de intrigas que leva a um *déjà-vu*. Não existe texto em si mesmo: todo texto é ouro, é representação e é diálogo. Todo texto é, na verdade, assombrado por um outro, ou por muitos, conformando o universo de informações paralelas a que se chama cultura, o que nos permite supor que, em última instância de análise, o Texto não há, havendo, somente, as relações e as categorias de relações entre textos. Todo texto é correspondência (CASTRO, 2010, p. 191).

Reitera-se, pois, que o discurso é constituído por sujeitos numa relação de dependência/submissão, luta e contradição efetivada em diferentes formações ideológicas. Como pondera Louis Althusser (1974, p. 42), “[...] a obviedade de que você e eu somos sujeitos – e de que isso não é problemático – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”.

A perspectiva discursiva que se vem apresentando considera que a ideologia política evidencia a razão de ser dos atos políticos e revela aqueles que a detêm e são depositários de autoridade. Assim, o falante – seja político ou um sujeito investido de autoridade – adota estratégias discursivas conscientemente, ou não, para expressar o seu pensamento e pretensão.

Foi esse tipo de poder que se revelou no discurso de Antonio José de Lemos. Com capacidade administrativa aguçada e inspirado no ideário de “modernidade” da Belle-Époque, Lemos projetou um novo desenho urbanístico para a cidade de Belém, com edificações luxuosas e fortes intervenções na salubridade e higienização. Foi o responsável por implantar o primeiro sistema de iluminação elétrica do país e o primeiro sistema de bondes elétricos do Brasil, além de outros novos empreendimentos, fatores que deram à “cidade da selva” ares civilizados e aspectos de cidade europeia.

O discurso do Intendente sobre progresso e urbanidade era impregnado de uma ideologia que buscava criar e inculcar, nos habitantes da urbe, uma ideia, uma realidade, ainda que ilusória, de modernidade, portanto não real, porém materializada pela aparência dos trajes, dos traçados urbanos, das peças de teatro, da arquitetura, do mobiliário que pareciam deixar para trás o “ar” de colonialismo de uma sociedade prestes a ingressar na civilidade sem nada dever a metrópoles europeias como Paris, Londres ou Viena.

Sobressai, nos discursos do intendente Lemos, seu imaginário sobre modernidade, transformação, progresso, urbanização, bem como sua busca para atingir aspirações e organizar o presente e o futuro. É importante destacar que o assujeitamento ideológico da cidade de Belém a que se refere Andrade (2003) estabeleceu-se em decorrência da reprodução do traçado urbano da cidade de Paris e nos hábitos franceses aplicados ao cotidiano da capital paraense e ainda em função da estreita troca e financiamentos oriundos de instituições bancárias de Londres.

A busca incessante de Antonio Lemos pelo padrão civilizatório deixou, todavia, de alcançar pleno êxito pelo fato de que tal “padrão” não atingiu toda a população, mormente a que manteve seus hábitos de origem nada condizentes com a “modernidade” nem com a nova classe burguesa que “espelhava”, agora, uma distinta posição social. No entanto, segundo os “Relatórios Municipais” apresentados à Câmara, a partir de 1900, o intendente utiliza-se de estratégias de persuasão apoiadas numa cadeia de argumentos que induziam à aceitação das propostas sobre os novos rumos que a cidade deveria adotar, sustentada por investimentos em infraestrutura.

Nos “Relatórios Municipais”, Antonio José de Lemos constrói a imagem de si – o *ethos*, como sendo o homem trabalhador, reformador, estrategista, moderno que, por meio das suas intervenções, seria capaz de garantir as conquistas materiais e tecnológicas próprias da Belle-Époque. Afinal, como assevera Amossy (2005), o lugar que engendra o *ethos* é o discurso, o *logos*.

Lemos, nos discursos contidos em seus “Relatórios Municipais”, prometia que a cidade de Belém poderia ganhar visibilidade nacional e internacional e ser renovada com os sinais de “civilidade” e “progresso”. O argumento que sustentava a ideia do progresso era que os moradores, entenda-se a classe burguesa belenense, passariam a desfrutar do conforto e do glamour material capazes de proporcionar-lhe o estilo de vida da Belle-Époque.

Nesses detalhes, o Intendente enumerava as obras, as conquistas, o cumprimento do plano de metas e exaltava as transformações ocorridas na paisagem urbana da cidade de Belém. Os Relatórios também especificavam a responsabilidade do homem “pela concepção, geração e materialização de todas as transformações urbanas na cidade [...]” (ANDRADE, 2003, p. 47).

Amossy (2005) afirma que todo ato de tomar a palavra e, portanto, de enunciar, implica a construção de sua própria imagem. Desse modo, quando o locutor/enunciador fala dos seus atos, também realiza a apresentação de si mesmo, uma espécie de autorretrato construído nas interações verbais do cotidiano. Assim entendido, o discurso político é um discurso de poder que se apoia na necessidade de “desconstruir o outro, à medida que se constrói”. O discurso político, então, se caracteriza, essencialmente, pela necessidade de impor sua verdade a muitos.

Ressalta-se que os teóricos do discurso consideram o fato de que o texto é constituído de linguagem, sistemas de produção de sentidos, conforme Fiorin (2012). E Charaudeau (2015) complementa:

O discurso político como ato de comunicação concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões, a fim de obter adesões, rejeições ou consensos [...]. O discurso político dedica-se a construir imagens de atores e usar estratégias de persuasão e de sedução empregando diversos procedimentos retóricos (CHARAUDEAU, 2015, p. 40).

Em seus relatórios, o intendente constrói a imagem confiável de político trabalhador, doador de sua pessoa, firmado em suas visões, crenças e valores, a figura do administrador que almeja a civilização europeia para a cidade que está sob o seu governo. Esta é a sua verdade construída. Mas, além da “verdade”, o discurso de Lemos tem também uma “história”. A tabela a seguir (Tabela 1) sistematiza a relação que se estabelece entre o sujeito enunciador, o sujeito a quem se fala e o enunciado, para demonstrar a construção da imagem de si, pelo intendente Antonio Lemos:

Tabela 1 – Sistematização da construção da imagem de si

Sujeito enunciador	Sujeito a quem se fala	Enunciado
Eu A Intendência	A Intendência O povo de Belém Os Vogais A Elite	Vou procurar fazer a enumeração dos fatos mais importantes da vida municipal de Belém, a contar da data de 15 de novembro de 1897, desde quando por honrosa investidura eletiva, me acho em exercício.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Charaudeau (2015) afirma que o discurso político é um jogo polêmico que se reutiliza de várias estratégias para “convencer e seduzir o outro”. Essa assertiva confere com o posicionamento de Antonio José de Lemos, na medida em que ele escolhe as palavras num jogo estratégico para levar o “outro” a pensar e a agir conforme suas intenções. Isso porque “todo ato discursivo”, como assevera Silva (2013, p. 245), “pressupõe alteridade, influência, regulação e relações de força.”

Dessa forma, o Intendente constrói seu discurso a partir do “eu” que decide, e no “eu” que fala com o povo (PINTO, 1989). Essa estrutura é percebida nos fragmentos dos discursos proferidos e registrados nos Relatórios apresentados aos Vogais, ao povo e à elite durante a sua Intendência. Convém esclarecer que não se tem uma linearidade dos discursos, visto que o critério de escolha para esta pesquisa foi aleatório, a partir do acesso aos Relatórios:

Excerto 1

Convencido da incapacidade d'esse forno, que pela insuficiência e impropriedade do local [...] usei lembrar ao conselho a necessidade da aquisição de uma usina aperfeiçoada e de muito maior capacidade [...] E uma grade e magnífica usina, entre a nova avenida aberta em continuação a Travessa Vinte e dois de Junho e a Nove de janeiro e os prolongamentos das ruas Conceição e São Miguel, para os lados do Guamá. O estabelecimento é todo murado e ocupa uma área de 40m00 x 10m00 [...] O aparelho que é do sistema Horsfall, fabricado nas oficinas da The Horsfall Distructor Company Limited de Leed, na Inglaterra e já adotado em muitas cidades da Europa. (LEMOS, 1902, p. 40).

O Intendente Antonio José de Lemos busca, nessa dimensão argumentativa, tanto o acolhimento de suas posições quanto a sua aceitação na condição de administrador. Seu objetivo político era o de obter, das “vozes sociais”, mesmo na contradição e lutas, o apoio para a mudança da situação proposta pelo seu governo.

Ao desenhar, passo a passo esse discurso, Lemos constrói uma imagem de competente, *ethos* com o qual busca persuadir e inspirar confiança na construção, na costura de suas intenções, preferências e estratégias. Quando afirma seu convencimento sobre a “incapacidade d'esse forno” e lança mão da afirmativa “ousei lembrar”, o Intendente edifica sua imagem, seu *ethos* administrador competente, proveniente da força do seu discurso - oral ou escrito - e das razões que o alicerçam, passando longe do tom lânguido.

Excerto 2

[...] a cidade torna-se cada dia não só mais bella, porém mais sadia, em virtude da vigilância infatigável de Intendência n'este duplo ramo da administração communal [...] dos preconceitos que tive que combater dos labores extraordinários que me foi dado iniciar, de toda a gigantesca tarefa que me impuz, com o intento de imprimir a esta capital uma aparência moderna [...]. (LEMOS, 1902, p. 95).

Como se pode observar, o Intendente Antonio José de Lemos, em seus pronunciamentos discursivos, não esconde o intuito de construir uma imagem pessoal análoga aos seus objetivos, com reforço à ideia que “presumivelmente o auditório projeta dele” (AMOSSY, 2005, p. 148). Lemos consolida sua imagem de bom administrador ao exaltar o trabalho que desenvolve na intervenção da “lei”, no combate aos preconceitos para imprimir as melhorias necessárias e “criar uma comunhão em torno de certos valores [...]”, como diria Amossy (2005, p. 150). Lemos busca consolidar sua imagem em discursos na primeira pessoa para destacar seus esforços em dotar a cidade de Belém de aparência agradável, bela, higiênica, construída e reconstruída nos moldes europeus. Ao afirmar que teve que combater preconceitos, invoca, ainda nesse excerto, a imagem de tolerante, que representa um posicionamento vanguardista perante a sociedade paraense da época.

Excerto 3

Não é de hoje a merecida fama das avenidas da capital do Pará. Nacionais, estrangeiros percorrem-nas com deleite, nas doces horas matinais ou vespertinas ou mesmo em pleno meio dia calmoso, pois as densas romarias da arborização formas altas e majestosas abóbodas impenetráveis ao sol, para abrigo dos transeuntes. (LEMOS, 1902, p. 154).

Ao afirmar, conforme o Excerto 3, que “Não é de hoje a merecida fama das avenidas da capital do Pará”, esse enunciador político mostra que reconhece a vocação natural de Belém para revelar-se com o igual glamour parisiense. Desenvolve, assim, um ethos visionário.

Por outro lado, busca, ainda, como enunciador (Eu), sujeitar o outro (Tu), representado pelos Senhores Vogais e pela população. “O discurso político se constrói na ânsia de sujeitar [...]”, afirma Pinto (1989, p. 100). O argumento das “densas romarias”, “majestosas' abóbodas” cai no modelo do excesso, do exagero, do uso da hipérbole. Ao exaltar essas belezas naturais, Lemos constrói uma imagem de ufanista, pois de acordo com suas exaltações, Belém triunfaria enquanto cidade, deixando para trás a aparência de atraso, para se identificar com o urbanismo vaidoso das “cidades civilizadas” da Europa.

Excerto 4

Tenho legítimo orgulho em proclamar a beleza dos Jardins de Belém. Os mais ilustrados viajantes nacionais e estrangeiros, fazendo sem restrições a apologia d'esses magníficos pontos da nossa capital, consagram já a excelência do sistema por mim adaptado. Todas as praças, com efeito, ostentam pela exuberância da vegetação rica e pela cultura metódica e aprimorada das plantas, uma feição de consoladora e amena frescura, realçada pela variedade das flores desabrochando em admirável polychromia. (LEMOS, 1902, p. 158).

Neste quarto excerto, o enunciador toma para si, explicitamente, a responsabilidade enunciativa, sobre a perspectiva ufanista com a qual apresenta Belém, pois assume: “Tenho legítimo orgulho em proclamar a beleza dos Jardins de Belém” e mais à frente: “[...] a excelência do sistema por *mim* adaptado”.

Dessa forma, no Excerto 4, o Intendente reporta-se às praças que conferem beleza e majestade à cidade de Belém sem, no entanto, deixar de impor sua verdade aos interlocutores, o que pode ser analisado como estratégia para provocar-lhes admiração, respeito e adesão. A referência que Antonio Lemos faz aos “viajantes” nacionais ou estrangeiros pode ter a intenção de convencer o sujeito (destinatário da mensagem) a colocar-se no lugar de coparticipante do seu projeto de modernização, o que o elevaria esses viajantes à condição de co-enunciadores das formosuras e exuberâncias das praças e jardins da cidade de Belém. A visão do “eu” do Intendente Lemos, demonstra que enxerga vida, exuberância, beleza e policromia “em sua criação”.

Excerto 5

Sob o ponto de vista das Bellas-Artes, não tenho podido impulsionar a ação municipal de acordo com os meus desejos, visto as necessidades financeiras aconselharem a preferência a outros serviços urgentes (LEMOS, 1902, p. 199).

No Excerto 5 sobressai a imagem de um empreendedor que tem suas intenções limitadas pelos poucos recursos financeiros de que dispõe. Essa forma de se pronunciar no discurso pode colaborar para que Antonio Lemos se resguarde quanto ao que não puder concretizar. O trecho revela que este enunciador tem ciência de que o embelezamento urbano de Belém não é uma prioridade para o Município, mas lança mão de uma estratégia de sedução que o coloca numa posição passiva e corrobora para a construção da imagem de subordinado às limitações financeiras do Município. Ele que escreve que os seus desejos não são uma prioridade para a administração municipal.

Logo, a afirmação de Lemos: “não tenho podido impulsionar a ação municipal de acordo com os meus desejos [...]” comunica sua convicção do que acreditava ser o melhor para a cidade e imprime, além da imagem de vítima, uma imagem de confiança que ele transmite aos Vogais e à população, sobre a importância da intervenção nas Belas Artes, sem a qual o projeto de modernização da cidade de Belém ficaria incompleto, para dar lugar a outras demandas oriundas da ação municipal.

Pode-se inferir, portanto, que o Intendente Antonio José de Lemos não desejava apenas realizar intervenções e transformações no traçado urbanístico da parte física da cidade. Desejava, sim, o investimento nas Belas-Artes, o que promoveria o surgimento de um capital simbólico que, com certeza, lhe daria o prestígio de um “mecenas” e, à cidade de Belém, ares de cidade de bom gosto, respeitabilidade, guardiã e construtora de uma identidade aspirada pela nova elite.

Excerto 6

Criado pela lei nº 238 de 3 de julho de 1899 e instalado em edifício próprio, a 16 de novembro de 1902 no kilometro II da estrada de ferro de Bragança entre o Marco da Légua e o ponto Souza, o Azylo tem 76 m de frente e 72 m de fundo [...] as telhas francesas e a construção foi contratada pela quantia de 1167: 836 \$ 494, afora as obras acrescidas [...] O asilo molda-se ao estilo clássico italiano, singelo e grandioso, como convém ao seu destino (LEMOS, 1902, p. 210).

No Excerto 6, Antonio Lemos usa sequências descritivas, com as quais realça a importância do investimento que realizou com a construção do asilo, o qual se destacou por sua estrutura arquitetônica e por sua função social, que concorre para a construção do ethos humanitário, pois os asilos, instituições centenárias, eram entendidos, à época, como local de assistência de caridade aos “velhos” que não tinham abrigo. A construção do asilo na cidade de Belém, com as características descritas pelo Intendente, seria mais uma obra com a finalidade de “recuperar” ou “regenerar” a modernização da cidade, o que nos permite dizer que este enunciador construiu também a imagem de moderno ou visionário.

A ideia de embelezamento, higienização, aparência moderna requeria recursos e, obviamente, semelhança com a “modernidade” europeia, de modo que as construções ostentavam telhas francesas e estilo clássico italiano, o que viria a ser condizente com o ethos e com a visão da nova sociedade burguesa da goma (borracha-látex). Mas a construção do asilo na estrada de ferro de Bragança, em instalações apropriadas tinha, também outra função: a visibilidade de “pessoas destoantes” na cidade que se remodela/regenera, nos moldes de Paris, cidade-espelho.

Excerto 7

Seriam, contudo, incompletos estes livros se eu os deixasse limitados às áridas funções de repositório de notas oficiais. Eis porque, de par com a exposição completa e methodica dos atos da Intendência, n'eles ouso consignar quantas ideias me parecem apresentáveis no interesse do público progredir, beleza urbana, do glorioso renome de nossa capital. (LEMOS, 1904, p. 5).

No fragmento supra, o Intendente afirma que *ousa* “consignar quantas ideias me parecem apresentáveis [...]”, uma forma de demonstrar que está a agir sobre os que o ouvem ou leem seu Relatório, mobiliza dessa forma, o *ethos* de intelectual e entusiasta. É necessário que se diga, aqui, que este enunciador não se compromete com o interlocutor com atos promissivos ou compromissivos. Ele constrói seus *ethè* com argumentos construídos no campo das ideias, dos seus desejos, das possibilidades, o que pode criar no seu interlocutor, a falsa ideia de que esses ideais, de fato se concretizariam, por isso, a exposição completa de suas ideias, como ele reporta no Excerto 7 pode funcionar como estratégia de sedução e manipulação da opinião pública, que pode considerar a concretização das ideias de Lemos como uma condição subentendida.

Enquanto sujeito falante, Antonio José de Lemos se reporta aos seus atos para declarar aos seus interlocutores a totalidade desses atos para “refazer”, “modernizar” a cidade de Belém. O ato de fala aqui reportado concorda com a visão de Plantin (1996 apud MENEZES, 2006, p. 98):

Toda fala é necessariamente argumentativa. É o resultado concreto de um enunciado em situação. Todo enunciado visa agir sobre seu destinatário, sobre o outro e a transformar seu sistema de pensamento. Todo enunciado obriga ou incita o outro a crer, a ver, a fazer de outra maneira.

Observa-se que o intendente Antonio José de Lemos utiliza-se da argumentação para bem atingir sua meta, agir e provocar a adesão do seu auditório.

Excerto 8

Por tantos motivos relevantes é a Diretoria do Serviço Sanitário Municipal objeto de meus especialíssimos cuidados, sendo-me grato recordar que em vosso seio, Senhores Vogais, tenho encontrado todo o apoio para tornar profícuo os meus esforços no interesse do bem-estar de nossos concidadãos (LEMOS, 1904, p. 29).

Neste discurso, Antonio José de Lemos procura demonstrar uma imagem de civilizado, de progressista e de higienista. Apresenta uma urbe com serviços de saneamento e novas condutas sociais. O discurso do Intendente constrói-se em função da finalidade de “regenerar”, “civilizar” e vencer o “atraso colonial” da cidade. Assim, o argumento sobre higiene consiste na construção de um discurso que transmite a imagem de um político progressista, pois trata-se de um discurso fundamentado na ideia da abertura de largas avenidas, implantação de sistema viário, de rede de esgotos e abertura de mercados. Tudo com o intuito de criar uma nova urbe, espelhada no modelo estético europeu. Belém experimentaria, assim, as intervenções que a tornariam “curada das epidemias”.

Ao declarar o intuito de “tornar profícuo os meus esforços no interesse do bem-estar de nossos concidadãos”, o Intendente Antonio José de Lemos edifica o *ethos* sério, uma imagem que conduz à persuasão, inspira credibilidade e confiança com o propósito de assujeitamento. Sabe-se que o discurso afirma a sua existência através da sujeição do outro. Daí o fato de o Intendente Antonio José de Lemos ressaltar seus esforços para colocar-se como o responsável pelas ações, de modo que o “eu” estabeleça a relação de poder sobre os “concidadãos”.

Excerto 9

É sempre grande a minha satisfação quando trato do Corpo Municipal de Bombeiros, em virtude de sua correta disciplina do garbo com que se apresenta em formatura e da dedicação revelada no cumprimento dos mais árduos deveres [...] No dia 24 de fevereiro de 1904 foi inaugurado o novo edifício à rua João Diogo [...]. Naquele dia foram instalados em um novo quartel os aparelhos técnicos todos moderníssimos por um importado da Alemanha [...]. (LEMOS, 1904, p. 53).

Entende-se, com Charaudeau (2015), que o político idealiza-se como efígie para ser personificado, comparado a mitos universais: “Não há um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si”, afirma Charaudeau (2015, p. 86). Referindo-se ao Corpo Municipal de Bombeiros, o intendente Antonio José de Lemos deixa transparecer uma imagem de entusiasmado e de reformador, que pode ser verificada na maneira como constrói o seu discurso. Ao mesmo tempo em que projeta, no imaginário social, essas imagens de si, também investe no *pathos*, provocando sentimento, quando alude à satisfação infundida pela conduta dos bombeiros que ele define como “correta disciplina do garbo” demonstrada na “dedicação revelada no cumprimento dos mais árduos deveres”. Dessa forma, o Intendente Antônio José de Lemos pretende atrair e convencer seus interlocutores, sobrepujando-os.

O imperativo de beleza que deveria ser imposta a Belém se manifestaria “nas reformas que estampariam as faces da Belle-Époque” (SARGES, 2002, p. 142). Tais reformas estavam associados a um novo visual e a novos valores estéticos que demandavam a importação de aparelhos técnicos, que possibilitassem a realização das reformas. Assim, foram importados da Alemanha os aparelhos necessários para pôr em prática o projeto de modernidade da cidade, para assemelhá-la ao que de mais atual e moderno se utilizava na Europa.

Excerto 10

Importados [da. Europa], pela Intendência chegaram quatro belos viveiros para pássaros e animais da Amazônia. (LEMOS, 1904, p. 238).

Hoje, o meio ambiente está na grande agenda política e geográfica do mundo. Mas, à época do Intendente Antonio José de Lemos, os problemas ambientais pareciam não possuir maior relevância. Talvez, por isso, a afirmativa do Intendente para anunciar o grande feito de importar da Europa “quatro belos viveiros para pássaros e animais da Amazônia” soe anacrônica. Mas o que Antonio José de Lemos buscava, principalmente, era expor a fauna e a flora amazônica aos visitantes e apresentar os viveiros como uma novidade importada, estendendo a ideia de belo também à natureza. Essa opção de Antonio Lemos colabora para a construção do *ethos* de apreciador da natureza.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o discurso uma construção de imagem que projeta o “construído”; de um autorretrato que busca “calçar” qualidades como forma de convencimento do auditório, afirma-se que Antônio Lemos mobilizou as três qualidades distintas do orador, de acordo com Aristóteles (1998) na construção de uma imagem positiva, quais sejam: prudência, capacidade de se deliberar e alcançar objetivos. Essas virtudes levaram Antonio Lemos a dominar a política no Pará, mantendo-se por doze anos à frente da Intendência de Belém, indicando e fazendo Governadores do Estado. Habilidade percebida em seus discursos, onde o “Eu” é a forte marca do orador/enunciador.

No exercício da sua autoridade, o Intendente Antonio José de Lemos soube exercer, desfrutar seu domínio e resolver a satisfação do reconhecimento do que fazia, da imagem de si construída por meio da capacidade de influência enunciativa que exercia sobre seus interlocutores. Seu discurso reiterava o projeto da chegada de novos tempos para a construção de uma Belém moderna, ideia que se arraigou no imaginário dos belenenses, confirmando a imagem de Lemos como reformador.

Com seu discurso, construiu uma representação de si em quase toda sua trajetória político-administrativo à frente do Governo Municipal. Com as intervenções na vida urbana através de construções e com as promulgações de Leis municipais, Antonio Lemos construiu, de forma eficiente, através da prática discursiva, uma representação de si digna de confiança, como modelo do governante capaz de promover o progresso, o bem-estar e a modernização da cidade de Belém. Dentre os *ethè* que pudemos identificar nos excertos 1 a 10, analisados nesta investigação, destacam-se as imagens de: administrador competente, tolerante, vanguardista, visionário, ufanista, empreendedor, humanitário, modernista, intelectual, entusiasta, civilizado, progressista, higienista, sério, entusiasmado, reformador e apreciador da natureza.

#### REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.

AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do Ethos São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, Valci Rubens Oliveira de. **Antônio Lemos e as obras de melhoramentos urbanos em Belém**: a Praça da República como estudo de caso. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

ANTUNES, Cláudia Souza; PAULIVKONIS, Maria Aparecida Leno. **Ethos**: a construção da imagem de si. CONFLUÊNCIA – Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Nº 55; 2.º semestre de 2018. Rio de Janeiro

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamini. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 2004.

CHALUB, Juliana Vieira. **Reflexões sobre o ethos do discurso**. Belo Horizonte: FAPEMING, 2015.

CHARAUDEAU Patrick. **Discurso político**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORINO, Priscilla Peixinho. **Ethos**: um percurso da retórica análise do discurso. Revista Pandora Brasil, n. 4, out. 2012.

LEMOS, Antonio José de. FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ. Biblioteca Pública Arthur Viana. **Relatórios municipais**. FCEP, 2016. Obras raras/acervo digital, p. 58.

LEMOS, Antonio José de. **Relatórios municipais**. Obras raras/acervo digital, 1902. FCEP, Belém/PA.

LEMOS, Antonio José de. **Relatórios municipais**. Obras raras/acervo digital, 1904. FCEP, Belém/PA.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: Motta, A. R.; Salgado, I. S. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Fontes, 1989.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2001.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise do discurso**. São Paulo: Hacker, 1999.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão Pará**. [Belém]: DistribeL, 2001.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riqueza produzindo a Belle Époque (1870 - 1912)**. Belém: Paka Tatu 2002.